

## A ESCRITA EPISTOLAR FEMININA: LEITURAS, APROPRIAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

Maria José Dantas<sup>2</sup>  
Rita de Cácia Santos Souza<sup>3</sup>

### RESUMO

Cartas são exemplos de gêneros textuais que estão presentes em nossa vida e servem para colocar em contato remetente e destinatário. Nas últimas décadas, muitos pesquisadores têm se debruçando sobre a escrita epistolar como objeto de estudo e como fonte de pesquisa. Nesta análise, nos voltaremos para algumas publicações que enfatizam as correspondências escritas ou recebidas por mulheres. O artigo tem como objetivo, fazer um levantamento sobre as pesquisas e publicações nacionais, que têm enfatizado as correspondências femininas, bem como verificar quais os principais assuntos tratados nas cartas que foram investigadas pelos pesquisadores. O suporte teórico-metodológico está centrado na Nova História Cultural e tem como base os conceitos de apropriação de Roger Chartier e estratégia de Michel de Certeau. Através da leitura e fichamento dos livros, foi possível verificar as diferentes apropriações dos pesquisadores sobre as cartas de variadas mulheres, bem como percebemos que algumas delas utilizaram as correspondências como estratégias de um processo de ascensão intelectual e ainda, tinham neste veículo de comunicação um espaço para expressar sentimentos, desejos e contestações.

Palavras-chave: Escrita epistolar feminina. Publicações. Brasil. História da Educação.

Nas últimas décadas, muitos pesquisadores têm se debruçando sobre a escrita epistolar como objeto de estudo e como fonte de pesquisa e assim, mergulhado na interlocução entre remetentes e destinatários em suas várias áreas: Literatura, Artes, Letras, Teologia, Filosofia, História e História da Educação, dentre outras.

Mas por que estudar cartas? O que há de atrativo? O que estes escritos podem conter? Qual a relação existente entre a escrita epistolar feminina e a História da Educação? Qual a contribuição desta investigação para a História da Educação? Estas são questões que procuraremos responder ao longo do texto.

O estudo das cartas em História da Educação chama atenção para alguns aspectos: a importância dos textos autobiográficos como fonte de pesquisa; a contribuição que estes estudos podem dar, dentre outras formas, para elucidar aspectos específicos de processos de

---

<sup>1</sup> Esta análise faz parte de um estudo mais amplo que culminou na da tese de Doutorado em Educação de Maria José Dantas. Para mais detalhes consultar: DANTAS, Maria José. “Escrever-te-ei... tu também me escreverás?” A escrita epistolar católica como prática docente: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de formação. São Cristóvão: PPGED/UFS, 2014 (Tese de Doutorado).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFS. Faculdade Pio Décimo. E-mail: [mariajosedantas@yahoo.com.br](mailto:mariajosedantas@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela UFBA. Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [ritacsouzaa@yahoo.com.br](mailto:ritacsouzaa@yahoo.com.br)

formação; e também, como suporte para perceber elementos das trajetórias de intelectuais, professores e alunos.

No campo da História da Educação, as razões para se dar atenção a esse tipo de escritos são bastante evidentes. Tratando-se de disciplina que se volta para o estudo de processos de aprendizagem e de ensino de leitura e de escrita, práticas culturais como as de escrita de si são um prato cheio de interesse. Escrever cartas sempre foi um exercício muito presente em qualquer sala de aula, além de ser um veículo fundamental de comunicação entre a escola, as famílias e os alunos. Além do mais, grande parte do professorado há muito é composto por mulheres, que, por questões de constrangimento social, tiveram seus espaços de expressão pública vetados, restando-lhes exatamente os espaços privados, entre os quais os de escrita de si (GOMES, 2004, p. 9).

Cartas são exemplos de gêneros textuais que estão presentes em nossa vida e servem para colocar em contato remetente e destinatário. Ao longo dos séculos homens e mulheres têm desenvolvido intensos intercâmbios epistolares, mas nesta análise, nos voltaremos apenas para algumas publicações que enfatizam as correspondências escritas ou recebidas por mulheres, procurando identificar o discurso educativo que aparece em meio aos vários assuntos tratados.

Assim, o artigo tem como objetivo fazer um levantamento sobre as pesquisas e publicações nacionais, que têm enfatizado as correspondências femininas, bem como verificar quais os principais temas abordados nas cartas que foram investigadas pelos pesquisadores.

O suporte teórico-metodológico que fundamenta o estudo está centrado na Nova História Cultural e tem como base os conceitos de apropriação<sup>4</sup> de Roger Chartier e estratégia<sup>5</sup> de Michel de Certeau. Assim, através da leitura e fichamento dos livros, verificamos as apropriações dos pesquisadores sobre a análise realizada, bem como identificamos que tipo de estratégias foram utilizadas, ou não, pelas autoras das cartas, em seu processo de escrita e envio ao destinatário.

Segundo Gomes (2004) as práticas culturais de escrita de si, integram um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si, que pode ser mais bem

---

<sup>4</sup> Para Roger Chartier, “apropriação visa a uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem” (2002, p.68). Ou seja, o processo de apropriação nada mais é do que a maneira como cada leitor se apropria da leitura de um livro, de uma carta ou de um impresso de maneira geral, projetando nele as suas idéias e a sua interpretação, é a via de acesso à compreensão da leitura e da escrita.

<sup>5</sup> Certeau chama de estratégia o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (um proprietário, uma organização, uma instituição) é isolável de um ambiente. Ela tem um lugar definido de onde opera o cálculo e postula a capacidade de se apoiar num próprio que lhe seja capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta (concorrentes, adversários). (CERTEAU, 1994, p. 99).

entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. Essa produção pode englobar um diversificado conjunto de ações, autobiografias, diários, cartas, que resultam na constituição de uma memória de si.

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc (GOMES, 2004, p. 13).

As cartas fazem parte desse conjunto de documentos que englobam a “escrita de si”, e têm como meta alcançar um destinatário. Nelas o indivíduo assume em primeira pessoa uma posição em relação à sua vida, à vida do seu correspondente, a determinado assunto ou a pessoas. Ao mesmo tempo em que possibilita mostrar-se ao destinatário, a carta permite que este seja visto pelo remetente. O envio das cartas cria um desejo de reciprocidade, de uma resposta, é quase uma conversa à distância.

A escrita de si e também a escrita epistolar podem ser (e são com frequência) entendidas como um ato terapêutico, catártico, para quem escreve e para quem lê. O ato de escrever para si e para os outros atenua as angústias da solidão, desempenhando o papel de um companheiro, ao qual quem escreve se expõe, dando uma prova de sinceridade. Há necessidade e prazer na troca de cartas: “faz tempo que você não me escreve”, “responda-me com urgência”, “você me esqueceu: não me escreve mais...”. Escrevendo é possível estar junto, próximo ao “outro” através e no objeto carta, que tem marcas que materializam a intimidade e, com a mesma força, evidenciam a existência de normas e protocolos, compartilhados e consolidados (GOMES, 2004, p.20).

A carta geralmente resulta de atividades solitárias, mesmo que sua autoria possa ser partilhada por secretários que escrevem ou digitam, por assessores ou por familiares. Segundo Camargo (2000a), a produção e a troca de cartas podem ser pensadas como práticas culturais pelas marcas, gestos e atitudes que os sujeitos tanto imprimem, como deixam impressas. É com o destinatário que o remetente vai estabelecer relações, configuradas a partir de modelos e códigos de interesses socialmente construídos, reveladas nos modos singulares de apropriação e expressão. Sabe-se que muitas famílias, confessores e educadores estimularam a anotação de acontecimentos vividos durante o dia através de diários ou da troca de correspondências.

O que é ressaltado por Silva (2011) ao afirmar que, ninguém pode se objetivar sem que se aproprie das objetivações genéricas, pois precisa se apropriar primeiro das observações

genéricas em si para constituir sua base social, pois é ao apropriar-se da linguagem, dos objetos, dos usos e costumes que se constitui como ser humano.

A escrita epistolar envolve envio e o recebimento da mensagem. Neste sentido Gomes (2004) chama atenção para os distanciamentos e o primeiro deles é o da distância no espaço e no tempo entre as ações de escrever e ler cartas: a distância física entre os correspondentes. Outro distanciamento ainda de acordo com Gomes (2004) é o da distância entre o autor da carta e todos os acontecimentos narrados.

Ou seja, no momento da escrita, os acontecimentos/personagens narrados experimentam tempos variados, que podem se situar no passado (“ontem aconteceu...”, “você se lembra quando?”), no presente (“estou escrevendo esta carta...”) ou no futuro, nos projetos anunciados e planejados em conjunto (GOMES, 2004, p. 20).

Utilizar as cartas como objeto de estudo é possível tanto através do seu aspecto material: as cartas encontradas e analisadas em acervos ou em arquivos particulares ou ainda através de seus correspondentes, como também através de cartas publicadas em livros, jornais e revistas. Em alguns casos, por conta dos obstáculos impostos ao pesquisador durante a investigação, ele só tem permissão para trabalhar com o já publicado. Quanto a este aspecto, para Camargo (2000b), “antes de serem livros, as cartas foram escritas de sujeito para sujeito [...]” Assim, mesmo se elas concretizam-se, materializam-se e tornam-se acessíveis somente através de um livro, elas possibilitam ao pesquisador uma determinada apropriação da leitura e uma dada representação sobre a história dos personagens: autor-escritor e destinatário-leitor. Isso é o que estamos fazendo neste artigo, porém nesse caso, se trata de uma opção nossa, trabalhar com as cartas já publicadas.

Alguns pesquisadores sinalizam uma dificuldade presente em muitos estudos com cartas: recuperar as cartas enviadas: “elas seguiram seu destino”, dizem as autoras Dantas e Nunes (2009). Algumas cartas são recuperadas em acervos públicos ou nos arquivos de seus destinatários, mas como representam algo pessoal, íntimo e privado, precisam de autorização para serem publicadas

Mais que uma exaltação memorialística, as investigações sobre cartas no contexto da História da Educação, buscam conhecer aspectos ligados à prática educativa de professores, a comunicação entre professores e alunos, professores e professores, alunos e alunos e a tudo aquilo que circulou no interior da escola, ou pessoas e situações, que de algum modo estão ligadas à questão da educação.

Segundo Peres e Alves (2009), cartas são escritas simples, sem prestígio e valor literário ou científico, mas que circulam abundantemente no cotidiano escolar e na sociedade,

revelando práticas e representações de docentes, discentes e de pessoas comuns, além de indícios da cultura escolar, entre outros aspectos.

### **ESCRITA EPISTOLAR FEMININA: UMA LEITURA DE ALGUNS ESTUDOS**

Muitos historiadores têm investigado a escrita epistolar feminina, seja do ponto de vista da escrita íntima, como as cartas entre amigas e amantes, seja do ponto de vista pedagógico, investigando cartas entre professoras, cartas de professoras e alunos e cartas para professoras.

Dentre as várias publicações que enfatizam estudos sobre cartas, podemos citar alguns estudos mais específicos: a coletânea organizada por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib (2000), que se propõe a analisar a escrita epistolar reunindo textos sobre cartas de personagens vividos em tempos distintos: Hannah Arendt, Madame de Sévigné, Marquesa de Santos, Condessa de Barral, Amélia Rodrigues, Ana Cristina César, Ina Von Binzer, cartas de mães e filhas, dentre outras.

O intercâmbio epistolar entre a Condessa de Barral e o Imperador D. Pedro II, também foi investigado de forma mais específica por Del Priore (2008). As cartas e os diários apresentados a cada página mostram a importância do estudo das fontes manuscritas no campo da História da Educação. A autora, poeticamente e de forma envolvente, conduz o leitor pela história da Condessa e de D. Pedro II e sobre outras peculiaridades do século XIX, focalizando a necessidade da educação como um instrumento para a civilização.

Este tipo de escrita íntima, pessoal e privada tem sido alvo de muitas investigações. Outro título nesta mesma linha é: *As Cartas de uma Imperatriz* (2006), uma publicação das muitas cartas de D. Leopoldina. Esta obra apresenta além das relações amorosas e afetivas, aspectos desconhecidos dos correspondentes, bem como possibilita ao leitor mergulhar na rede de relações que se misturavam com interesses econômicos e sociais.

Maria Rosa R. M. de Camargo (2000a) em sua Tese de Doutorado propõe uma reflexão sobre a escrita de cartas como prática social e sobre o papel do interlocutor. Um recorte desta abordagem foi publicado no artigo “Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser...” (2000b) onde a autora faz uma análise sobre a correspondência mantida entre duas amigas adolescentes na década de 90 do século XX.

Marilda Ionta (2007), historicizou as relações de amizade na modernidade brasileira através de um estudo das cartas trocadas entre Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e o escritor Mário de Andrade. A autora caracteriza a relação de amizade entre Anita Malfatti e Mário de Andrade, como sendo “livre, intensa e apaixonada, pois se trata de duas

figuras bastante independentes, ela como artista culta e experiente, ele enquanto escritor reconhecido, que se observam como iguais” (2007, p. 15). Já a relação que se estabelece entre Oneyda e Mário assume um caráter educativo, como a de um professor diante de sua discípula fiel e apaixonada. Quanto à relação entre Henriqueta e o escritor, apesar de mediada por afetos, acontece de maneira mais formal, visto que não possuíam a intensidade da convivência.

Uma coletânea de artigos organizados por Ana Chrystina Venâncio Mignot, Maria Teresa Santos Cunha e Maria Helena Câmara Bastos (2000) se propõe apresentar as contribuições dos estudos autobiográficos no aspecto da História da Educação e neste sentido as cartas ganham relevância. Um dos artigos desta publicação foi escrito por Ana Chrystina Venâncio Mignot e enfatiza as cartas encontradas no arquivo da educadora Armanda Álvaro Alberto.

Este mesmo grupo de professoras, Ana Chrystina Venâncio Mignot, Maria Teresa Santos Cunha e Maria Helena Câmara Bastos, em 2002 organizou outra coletânea específica sobre cartas: “Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar”. Esta obra é uma importante fonte no estudo das cartas no âmbito da História da Educação. Dentre outros artigos incorporados, o estudo “Cartas pedagógicas: fragmentos de um discurso” de Francisca Izabel Pereira Maciel (2002) aponta para o fato de que a escola não é apenas um espaço onde se aprende a escrever, é também um local onde as professoras exercitam a escrita e isso é constatado através das cartas que deixaram. Assim, através da pesquisa realizada no arquivo pessoal da educadora mineira Lúcia Casassanta a autora investigou nas cartas recebidas por ela, e que foram enviadas por profissionais da sala de aula que tentavam seguir seus ensinamentos, como essa educadora atuou na formação de professoras. Ainda nesta publicação, Maria Helena Camara Bastos enfatiza as cartas de um pai dirigidas à filha e procura compor o cenário da educação da mulher nas primeiras décadas do século XIX no Brasil. Segundo as organizadoras, “a troca de cartas fascinou as mulheres. Registrou confidências. Estreitou amizades. Resguardou segredos” (2002, p. 08). Neste sentido, Maria Teresa Santos Cunha trabalhou com um arquivo pessoal composto por 171 cartas trocadas entre duas amigas professoras entre 1967-1968. “Nestas cartas, as autoras, trocam experiências sobre seus cotidianos de professoras primárias, revelando pela escrita, um capital de vivências da época.” (2002, p. 08).

Essa prática de escrita sobre o cotidiano escolar aconteceu também no século XIX. De acordo com Souza (2011), ainda na segunda metade do século, circulavam cartas de

professoras fazendo críticas aos administradores de várias províncias do país relacionadas à falta de mobília e materiais escolares.

O intercâmbio epistolar de educadoras também é movido, muitas vezes, pelo desejo de diálogo com modelos educativos internacionais. Muitos educadores brasileiros viajaram para outros países e por outros estados do Brasil e deixaram como rastros destas viagens as cartas. Ana Chrystina Venâncio Mignot e José Gonçalves Gondra (2007) organizaram uma coletânea sobre as viagens de diversos educadores, e evidenciaram que estas jornadas possibilitam a circulação e apropriação de modelos pedagógicos. As cartas apareceram em muitos artigos da coletânea. No estudo “Entre cartas e cartões postais: uma inspiradora travessia”, Ana Chrystina Venâncio Mignot chama atenção para a carta escrita por Edouard Claparède, enviada à educadora Antonia Ribeiro de Castro Lopes, e os diálogos e entendimentos entre estes educadores, fruto da viagem da Educadora ao Instituto Jean-Jacques Rousseau. Nesta mesma obra, Jussara Santos Pimenta, em “Rastro de deslumbramento: Cecília Meireles em Portugal”, analisa os contatos da poetisa, jornalista e educadora Cecília Meireles com interlocutores portugueses, que estabeleceram-se primeiramente através de cartas e se estreitaram a partir de sua primeira viagem a Portugal.

Sobre Cecília Meireles, Diana Gonçalves Vidal (2001) investigou as cartas que a poetisa escreveu a Fernando de Azevedo, e este estudo resultou no artigo “Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo”. O texto faz parte do livro “Cecília Meireles: a poética da educação” organizado por Yolanda Lobo e Ana Chrystina Venâncio Mignot. Segundo Vidal (2001), a hábil escritora brincava com as palavras e as regras epistolares em suas cartas. Era amiga de Azevedo e admiradora de sua obra, oferecia as páginas do Jornal para que ele elaborasse artigos.

Ao se rastrear e analisar o ato de escrever vão emergindo modos como histórias de escrita são registradas através da escrita das cartas, da correspondência no seu conjunto, do texto, dos procedimentos. Cartas que são datadas e por isso delimitam lugares e momentos particulares na história dos sujeitos e da cultura. Na emergência destas histórias, sujeitos que escrevem e lêem cartas deixam suas marcas, que podem indicar pistas para uma leitura da constituição do sujeito da escrita, na escrita (CAMARGO, 2000b, p. 204).

Muitas dessas marcas também podem ser percebidas no livro “Cartas de professor@s, cartas a professor@s: escrita epistolar e educação”, organizado por Antônio Maurício Medeiros Alves e Eliane Peres (2009). Esta obra se constitui o resultado de um trabalho produzido pelo grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura e Escrita e dos Livros

Escolares da Faculdade de Educação de Pelotas/RS (HISALES), no intuito de analisar os escritos produzidos no interior da escola. O olhar dos pesquisadores volta-se para “o miúdo”, para aquilo que não teria valor literário nem científico, mas que se constitui uma importante fonte para a representação da cultura escolar.

Nesta perspectiva, a obra apresenta 11 artigos que tratam sobre cartas com os mais variados temas: aspectos do cotidiano de uma escola através das correspondências; cartas publicadas em livros didáticos; bilhetes para professora; cartas e bilhetes de uma professora; cartas de despedida; cartas aos pais de alunos; cartas sobre a valorização da leitura; cartas entre professora e alunos; cartas de ex-alunos e cartas de jovens professoras.

Dentre estas cartas, estão as da educadora Ana Maria Cardoso Lucena, de Pelotas-RS, analisadas por Roselusia Teresa Pereira de Moraes (2009). Com o título “Cartas dos ‘peixinhos’ à professora”, a pesquisadora mergulha no baú guardião das cartas. Segundo Moraes (2009) “era um baú de madeira, no qual a professora reúne suas recordações”. Estes baús constituem exemplos de arquivos pessoais onde segundo Mignot (2000) “as mulheres elaboraram o sentido da vida, registraram vivências, testemunharam práticas cotidianas.” O termo peixinhos era utilizado pelos alunos nas cartas, isso revela o estabelecimento de códigos de comunicação entre os correspondentes. Quanto aos arquivos pessoais, para Mignot (2000), eles representam extensões do próprio titular, indicando o caminho, o percurso e os desvios de uma trajetória. Sua produção envolve censura, supressão, interdição, triagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através destes diversos estudos, pudemos perceber uma diversidade de pesquisas que mostram o quanto as cartas estiveram presentes na vida de muitas mulheres e que fazem parte de uma estratégia de atuação, de ascensão intelectual e de memória feminina. Elas tinham neste veículo de comunicação um espaço para expressar sentimentos, desejos e contestações.

Percebemos também a relevância desse tipo de análise, visto que, aquilo que poderia ser considerado pelo senso comum algo sem valor literário e científico, passa a ser apropriado e analisado fazendo emergir conteúdos que revelam a importante relação existente entre a escrita epistolar feminina e a História da Educação. Seja focalizando a necessidade da educação como um instrumento para a civilização, indo além das relações amorosas e afetivas e sobrepondo-se aos aspectos desconhecidos dos correspondentes, seja possibilitando ao leitor o acesso a uma rede de possibilidades de relações que se misturam aos interesses econômicos, políticos e sociais.



Embora algumas das cartas analisadas sejam mediadas por afetos, verificamos que possuíam na intensidade da convivência ou formalidade dos discursos, o caráter educativo que aponta, como pudemos perceber, para o fato de que a escola não é apenas um espaço onde se aprende a escrever, mas também um local onde as professoras exercitavam a escrita o que é constatado através das cartas que deixaram, dos registros de viagens de diversos educadores e na participação de jornadas que possibilitaram a circulação e apropriação de modelos pedagógicos. Esses sinais nos indicam que este veículo de comunicação se torna cada vez mais uma das possibilidades de investigação sobre a prática pedagógica de educadores e uma importante ferramenta para investigações sobre a cultura escolar.

Por fim, observamos também a importância deste veículo de comunicação como elemento de difusão de concepções e valores; permeado por exortações e orientações. Foi possível compreender ainda que, as cartas são escritas para um destinatário, mas elas representam aspectos autobiográficos porque se configuram como uma “escrita de si” para o outro. E neste sentido, elas ficam impregnadas por pensamentos e ações do “eu” que escreve.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e Escrita**. 2000. 147f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2000a.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. (Tradução de Maria Mauela Galhardo). Lisboa: Difel 1990.

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica M.M. (orgs.) **Destinatário: Felte Bezerra – Cartas a um antropólogo sergipano (1947-59) e (1973-85)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

DANTAS, Maria José; FREITAS, Anamaria G. B. de. Cultura Material Escolar: abordagens e fontes. In: **Anais do IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Larino-Americana: Educação, Autonomia e Identidades na América Latina**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

DEL PRIORE, Mary. **Condessa de Barral: A Paixão do Imperador**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 193-211.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella. (org). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

IONTA, Marilda. **As cores da amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mario de Andrade**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

KANN, Bettina; LIMA, Patrícia Souza; JANCSÓ, István (Org.). **D. Leopoldina, 1797-1826: Cartas de uma imperatriz**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

LUBICH, Chiara. *Lettere dei primi tempi (1943-1949): alle origini di una nuova spiritualità*. Roma: Città Nuova, 2010.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Cartas pedagógicas: fragmentos de um discurso. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (orgs). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 205-215.

MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Editando o legado pioneiro: o arquivo de uma educadora. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 123-143.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Entre cartas e cartões postais: uma inspiradora travessia. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves. **Viagens Pedagógicas**. (Orgs). São Paulo: Cortez, 2007. p. 246-276.

MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de. Cartas dos “peixinhos à professora. In: PERES, Eliane; ALVES, Antônio Maurício Medeiros (Orgs). **Cartas de Professor@s, cartas a professor@as**: escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

PERES, Eliane; ALVES, Antônio Maurício Medeiros (Orgs). **Cartas de Professor@s, cartas a professor@as**: escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

PIMENTA, Jussara Santos. Rastro de deslumbramento: Cecília Meireles em Portugal. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, v. 1, p. 163-194.

SILVA, Lenaldo. Subjetividade, consciência e sujeito da linguagem. In: SOUZA, Rita de Cácia Santos (Org.). **Diferentes Olhares, um mesmo foco**: educação. Aracaju: Criação, 2011.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. Pressupostos teóricos e iniciativas político-sociais da educação especial em Sergipe (1850-1930). In: MIRANDA, Theresinha Guimarães e GALVÃO FILHO, Teófilo Alves (Orgs.). **Educação Especial em contexto inclusivo**: reflexão e ação. Salvador: EDUFBA, 2011.

UHLE, Águeda Bittencourt. Sobre amantes e amadores de edição. In: BUENO, Belmira Oliveira; AQUINO, Júlio Groppa; CARVALHO, Marília Pinho de (Orgs.). Política de Publicação Científica em Educação no Brasil Hoje. **Estudos e Documentos**. Faculdade de Educação da universidade de São Paulo. N. 43. São Paulo; FEUSP, 2002. p. 9-30.

VAZ, Élide. **A encenação da educação nas cartas dos leitores**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC – RJ, 1998. (Dissertação de Mestrado).

VIDAL, Diana Gonçalves. Da sonhadora para o arquiteto: Cecília Meireles escreve a Fernando de Azevedo. In: Yolanda Lobo; Ana Chrystina Mignot. (Org.). **Cecília Meireles**: a poética da educação. Rio de Janeiro: PUC-Rio/ Edições Loyola, 2001. p. 81-104.